

Universidade Brasil
Curso de Graduação em Enfermagem

ENFERMAGEM DIANTE DA MORTE: AMPLIANDO
CONHECIMENTOS SOBRE A FINITUDE HUMANA

RAPHAEL BERNARDINO MACÊDO

São Paulo

2021

ENFERMAGEM DIANTE DA MORTE: AMPLIANDO CONHECIMENTOS SOBRE A FINITUDE HUMANA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para obtenção de nota parcial
no curso de Bacharelado em Enfermagem
da Universidade Brasil – Campus Itaquera

Orientadora: Prof^a Dr^a Fabiana Neman

São Paulo

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois, sem Ele eu não teria capacidade para desenvolvê-lo.

Este trabalho também é dedicado à minha família, em especial a minha esposa e filhas, pois é graças aos seus esforços que hoje posso concluir este curso.

A todos, que direta, e indiretamente, ajudaram-me ao longo desta longa e árdua caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, e ter-me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa, com saúde e forças para chegar até o final.

Sou grato à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida. Aos meus pais, Raimundo e Dalva, um amor incondicional. Aos meus irmãos, Getúlio, o irmão mais velho, que mesmo distante, tenho um carinho imenso pela sua pessoa, e, ao meu amigo e admirável irmão mais novo, Daniel, a quem tanto amo, vocês são especiais para mim. As minhas filhas Beatriz e Valentina, amor sem explicação, como amo ser pai dessas preciosidades. A minha esposa Ester, o amor da minha vida, a eternidade é pouco para viver ao seu lado.

Um agradecimento especial às famílias, Macêdo, Bernardino, Lôbo, Rufino, Pinto, Souza e toda a estirpe do que me fez o homem que sou hoje, enfim, meu povo.

Deixo um agradecimento especial a minha orientadora pelo incentivo e pela dedicação do seu precioso tempo ao meu projeto de pesquisa.

Eterna gratidão a todos os professores do nosso curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

A todos os alunos de minha turma, pelo ambiente amistoso no qual convivi e solidifiquei os meus conhecimentos, o que foi fundamental na elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

Também quero registrar um agradecimento especial à Universidade Brasil, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que, hoje vislumbro um horizonte superior, contagiado pela aprimorada confiança no mérito e ética aqui presentes. Enfim, obrigado.

EPÍGRAFE

“Aqueles que se sentem satisfeitos sentam-se e nada fazem. Os insatisfeitos são os únicos benfeitores do mundo.” (Walter S. Landor)

RESUMO

Objetivo: favorecer e oferecer ao profissional de enfermagem uma reflexão que descreva o processo de morte e morrer, ampliando seus conhecimentos sobre o tema, preparando-os para entender seu papel diante do contexto sobre morte.

Metodologia: trata-se de um estudo com caráter exploratório-descritivo de abordagem qualitativa por meio de pesquisa bibliográfica buscando relatar a relevância do preparo do enfermeiro ao retratar o tema da morte. A coleta de dados foi realizada por intermédio de livros, revistas e artigos científicos disponíveis nas diversas bases de dados a partir do ano 2000, tanto em português quanto em inglês, excluindo materiais anteriores a este período.

Resultados: da análise dos dados emergiram doze artigos identificados na base de pesquisa sobre o processo de morte e morrer, e, o enfrentamento da enfermagem diante da finitude humana no intuito de produzir fatores que possam desenvolver uma harmonia entre vida e morte, entre saúde e doença, entre cura e óbito, onde o cuidado de qualidade deve ser prestado ao ser humano em todos os seus aspectos. **Considerações Finais:** conclui-se a relevância do enfermeiro, juntamente com sua equipe, em instruir-se e compreender sobre a morte, auxiliando a tratar e lidar com sua presença, com vistas a um preparo e qualificação, tanto pessoal e profissional, possibilitando ao profissional a concepção e o esclarecimento de suas preocupações frente ao desconhecido e o esclarecimento de suas preocupações frente à morte.

Palavras-chave: morte, morrer, enfermagem.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
1.1 A morte	08
1.2 Medo de morrer	08
1.3 A morte e as fases do luto	09
1.4 A morte antes dos hospitais	10
1.5 Problematização	11
2. OBJETIVO	11
3. JUSTIFICATIVA	11
4. METODOLOGIA	12
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	14
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
7. BIBLIOGRAFIA	22

1. INTRODUÇÃO

1.1 A morte

Em uma sociedade que dá valor a vida em todos os seus aspectos, desde a fertilidade *in vitro* (LUNA, 2001), aos métodos de rejuvenescimento e desvalorização da velhice (TEIXEIRA, 2007), dando prestígio a juventude (FELDMAN, 2015), ou até mesmo a busca pela vida em outros planetas (BOTELHO *et al*, 2019), falar a respeito da morte é uma questão obscura nos dias atuais (COCENTINO; VIANA, 2011).

Aplica-se a morte unicamente como a cessação do processo de uma doença grave, e não como parte do progresso de desenvolvimento humano no seu ciclo vital (KOVÁCS, 2005).

O Conselho Federal de Medicina (CFM), no uso das atribuições conferidas pela Lei nº 3.268, de 30 de setembro de 1957, regulamentada pelo Decreto nº 44.045, de 19 de julho de 1958 define morte como *“a parada total e irreversível das funções encefálicas”*.

Comumente crianças são afastadas do contexto da morte pelos adultos por acharem que não tem idade para vivenciar o sofrimento da perda. Em geral, não se levam filhos pequenos a velórios (TADA; KOVÁCS, 2007).

É altamente comum na atualidade ouvir que a morte é um tabu, aquilo acerca do que não se quer proferir, ou antes mesmo, aquilo sobre o que não se quer presumir nem em pensamento (OIGMAN, 2007).

1.2 Medo de morrer

Ter medo de morrer é a resposta psicológica mais comum diante da própria morte. É universal e atinge a todos, independentemente de sua idade, gênero, nível socioeconômico e credo religioso (KOVÁCS, 1992).

Observa-se que um dos resultados que faz da morte uma resistência da sociedade, é viver numa confraria despreparada para lidar com o luto, adotando procedimentos que têm como finalidade, utilizando até mesmo a religião, amenizar o sofrimento desse momento, e assim, lidar melhor com o tabu da morte (PEREIRA, 2012).

A psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross, em sua obra “*Sobre a morte e o morrer*”, cita que o homem não mudou. A morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis. O medo da morte no homem é universal, tendo em vista que isso se relaciona ao fato de que, em nosso inconsciente, não conseguimos conceber um fim real para a vida.

O que mudou foi nosso modo de conviver e lidar com a morte, com o morrer e com os pacientes moribundos (KÜBLER-ROSS, 1996).

1.3 A morte e as fases do luto

Observa-se o luto apenas como um sentimento de tristeza profunda relacionado a perdas de pessoas queridas. Na verdade, o luto reflete um processo de adaptação após o encerramento de um ciclo.

Identificou-se na obra de Kübler-Ross a reação psíquica de cada paciente em estado terminal e formularam-se as cinco fases do luto ou perspectiva da morte: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação.

Negação – é a primeira fase do luto e se manifesta como uma defesa psíquica, onde a pessoa se nega a acreditar no que ocorreu e de alguma forma, tenta não entrar em contato com a realidade e prefere não falar sobre o assunto. É uma fase de dor intensa e dificuldade para lidar com a perspectiva da ausência.

Raiva – a segunda fase se caracteriza pelo sentimento de revolta com o mundo e todos, onde o indivíduo se sente injustiçado e não se conforma pelo o que está passando. Ocorre a conexão com a realidade e a percepção que não é possível reverter a situação.

Negociação – também vista como *Barganha*, nesta terceira fase, a pessoa negocia consigo mesma. É uma tentativa de aliviar a dor e ponderar possíveis soluções para sair daquela circunstância. Normalmente, relaciona-se a uma conjuntura religiosa e promessas a entidades divinas.

Depressão – na quarta fase ocorre a reclusão da pessoa para o seu mundo interno, onde ela passa a se isolar e a se considerar impotente frente ao ocorrido. Geralmente, é a fase mais duradoura do processo do luto, caracterizada por um sofrimento intenso.

Aceitação – quinta e última fase do luto, o indivíduo não se sente mais desesperado e já consegue enxergar a realidade como ela é. Ocorre assim, a assimilação e aceitação por completo da perda ou morte de forma consciente.

É comum que as pessoas que passam por esse processo apresentem pelo menos dois desses estágios e não toda a sequência. (KÜBLER-ROSS, 1996).

1.4 A morte antes dos hospitais

A morte é um assunto ainda difícil de ser tratado, mesmo pelos profissionais médicos que a tem como elemento não só da vida, mas também do ofício (MELLO; SILVA, 2012).

O historiador francês Philippe Ariès nos remete um pouco de nosso modo naturalizado de entender a morte. Ariès aponta que antes do século XVIII a morte já havia sido uma “*morte domada*”, ou seja, um acontecimento parte do cotidiano. Conheciam-se o trajeto de sua morte. O contexto familiar estava próximo quando o indivíduo estava no fim de sua vida. As cerimônias eram importantes.

O morrer era vivenciado em público e no seio da família, e a comunidade tomava parte. A morte súbita e longe do lar era temida e desonrosa. O doente iniciava seu processo de despedida que, com o tempo, passou a incluir o testamento. O luto era selvagem, com manifestações abertas de desespero que gradativamente se tornaram comedidas a partir do século X.

O medievalista e escritor francês em sua obra “*A história da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*” relata o processo de morrer como um evento comum, assim como um aniversário, um batizado, entre outros.

Verifica-se a presença de crianças em funerais até o século XVIII, algo muito incomum nos dias atuais (ARIÉS, 1977).

1.5 Problematização

Diante do exposto, percebe-se o despreparo dos enfermeiros e equipe sobre o tema e em dar suporte ao paciente em fase terminal e familiares envolvidos. Vê-se a falta de aptidão no acolhimento e primeiros cuidados psicológicos aos familiares enlutados.

Nota-se a falta de conhecimento sobre morte, perdas, luto e comunicação de más notícias por parte da equipe de enfermagem, tanto na sua formação, quanto na prática profissional.

2. OBJETIVO

O objetivo deste estudo não pretende esgotar o assunto, porém, favorecer e oferecer ao profissional de enfermagem uma reflexão que descreva o processo de morte e morrer, ampliando seus conhecimentos sobre o tema, preparando-os para entender seu papel diante do contexto sobre morte.

3. JUSTIFICATIVA

Justifica-se este trabalho pelo fato de que a enfermagem, uma profissão presente desde o início do ciclo vital do paciente até a consumação da morte, que se prepara para o processo de cuidar, a prestação de assistência que atendam todas as necessidades humanas, e, mesmo que na hierarquia das existências

individuais, tendo a morte como única convicção absoluta no império da vida, comumente não se encontram conteúdos que abordam o tema dentro do ofício.

4. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo com caráter exploratório-descritivo de abordagem qualitativa por meio de pesquisa bibliográfica (POLIT et al, 2004). Esta pesquisa buscará relatar a relevância do preparo do enfermeiro ao retratar o tema morte.

O melhor método que se enquadrou ao problema foi o qualitativo, pois, estão associados a crenças, princípios, valores e comportamentos. Será o método mais apropriado e conveniente a temática das ciências humanas de saúde para o discernimento do ser humano (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001).

A pesquisa bibliográfica será concretizada com base em materiais já idealizados e publicados, fundamentados principalmente de livros e artigos científicos. Por meio da pesquisa bibliográfica, poderá estabelecer uma conexão maior com o fenômeno pesquisado, criando, desta forma, um pilar mais amplo de conhecimentos (GIL, 2002).

A coleta de dados será realizada por intermédio de livros, revistas e artigos científicos disponíveis nas bases de dados, *The Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Medline via PubMed*, *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS), *Biblioteca Virtual de Saúde* (BVS), *Biblioteca Virtual da FAPESP*, *Periódicos Eletrônicos de Psicologia* (PePSIC), *Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia* (BVS-Psi ULAPSI), *Revista de Publicação Eletrônica do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade* (NURES/PUC-SP).

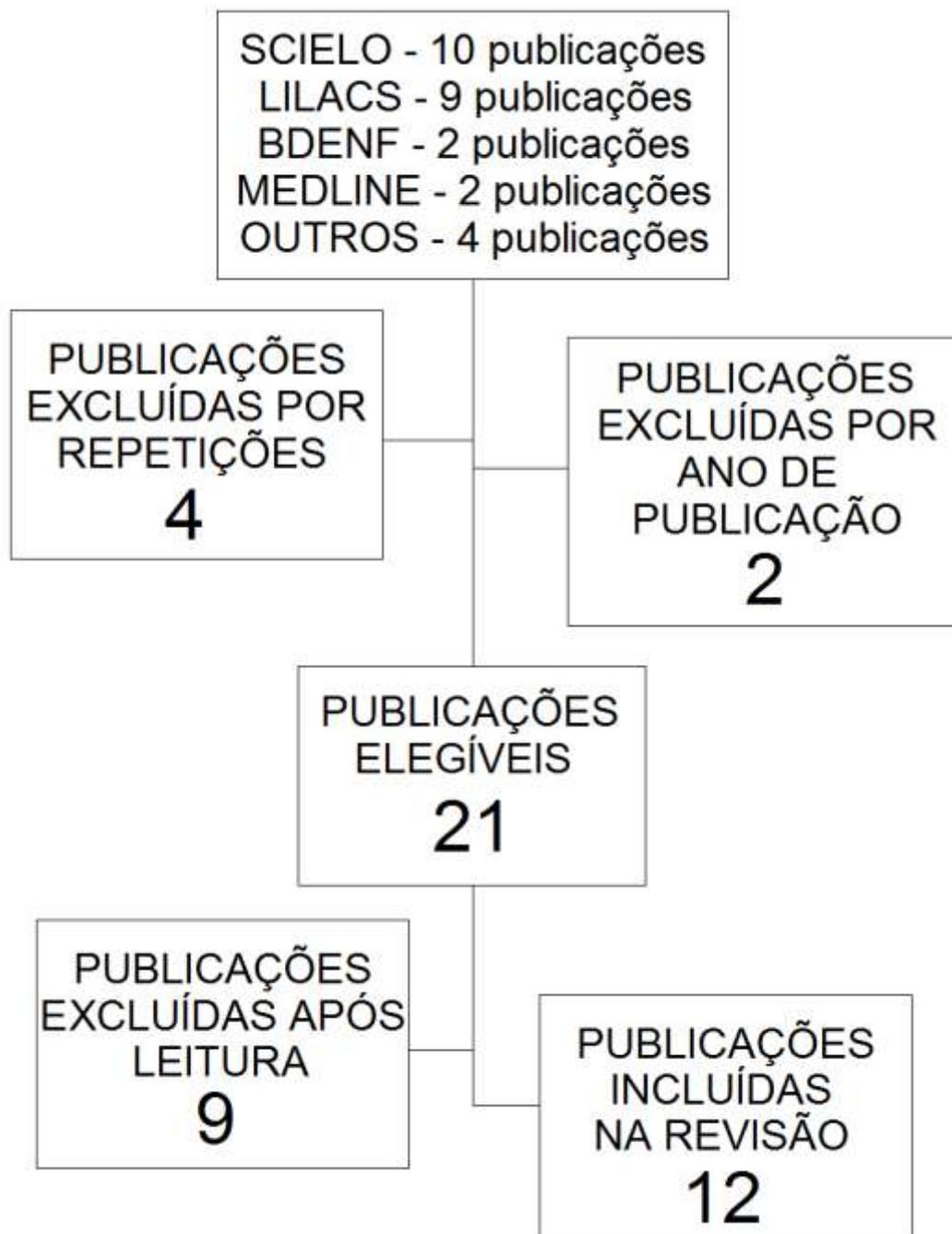
Para a localização dos artigos serão utilizados os seguintes descritores: “morte”; “morrer”; “enfermagem”.

Como parâmetro de inclusão determinou-se: (1) artigos publicados no período de 2000 a 2021; (2) artigos redigidos em língua portuguesa e inglesa; (3)

que descreviam e incluíam a ponto de vista subjetiva do enfermeiro, equipe de enfermagem ou do estudante de enfermagem frente à morte.

Foram excluídos os artigos que não atendiam às exigências anteriores.

Fluxograma – elementos utilizados:



Os dados no fluxograma serão analisados a seguir.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Organizando os dados para obtenção de informações das pesquisas e artigos selecionados, utilizou-se o quadro que identifica: título dos artigos; autores; fonte e ano de publicação. Os 12 artigos que foram utilizados na análise do estudo estão apresentados no quadro a seguir:

Quadro: Descrição dos artigos identificados nas bases de dados de pesquisas sobre o processo de morte e morrer, e o enfrentamento da enfermagem diante da finitude humana.

TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR(ES)	FONTE	ANO
Atitudes dos enfermeiros frente à morte no contexto hospitalar: diferenciação por unidades de cuidados.	CARDOSO, Maria Filomena Passos Teixeira et al	Escola Anna Nery	2021
A enfermagem frente ao processo de morte e morrer: uma reflexão em tempos de Coronavírus.	PAULA, Glaudston Silva de et al	Journal of Nursing & Health Faculdade de Enfermagem UFPel	2020
Equipe de enfermagem e complexidades do cuidado no processo Morte-Morrer.	VASQUES, Tania Cristina Schäfer et al	Revista Científica (TES) Trabalho, Educação e Saúde	2019
O processo de morrer: que expressão tem nos registros de enfermagem.	CARDOSO, Maria Filomena Passos Teixeira et al	Revista de Enfermagem Referência	2019
A abordagem da morte na formação de profissionais e acadêmicos da enfermagem, medicina e terapia ocupacional.	SARTORI, Aline Viegas; BATTISTEL, Amara Lúcia Holanda Tavares.	Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil	2017
O processo de luto.	RAMOS, Vera Alexandra Barbosa.	Revista Eletrônica do Psicologia.pt	2016
Ensino da morte por docentes enfermeiros: desafio no processo de formação acadêmica.	LIMA, Márcia Gabriela Rodrigues de; NIETSCHE, Elisabeta Albertina.	Revista Rene	2016
A morte e o morrer no processo de formação de enfermeiros sob a ótica de docentes de enfermagem.	BANDEIRA, Danieli et al	Texto & Contexto Enfermagem	2014

Profissionais de enfermagem e o processo de morrer e morte em uma unidade de terapia intensiva.	MATTOS, Tatiane de Aquino Demarco et al	REME - Revista Mineira de Enfermagem	2009
A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro.	OLIVEIRA, Wilker Invenção Azevedo de; AMORIM, Rita da Cruz.	Revista Gaúcha de Enfermagem (RGE)	2008
A última fronteira: como os profissionais de enfermagem lidam com a morte de seus pacientes.	MARINHO, João.	Revista COREN SP, n. 59	2007
Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer.	BRÊTAS, José Roberto da Silva et al	Revista da Escola de Enfermagem da USP – REEUSP	2006

Face aos resultados descritos por Cardoso et al (2021), morrer é uma certeza e a finitude da vida está inerente ao ser humano. Mesmo em consenso que a melhoria das condições de vida e os avanços técnico-científicos na área da saúde têm determinado um aumento da esperança média de vida, a morte é uma etapa que sabe que vai acontecer. Só não sabemos como ou quando, ou em quais circunstâncias. Verificou-se que a morte, como seguimento natural do ciclo vital, roga ser estudada pelos seus efeitos na vida dos profissionais que cuidam e que a vivenciam. A enfermagem é determinante tanto no cuidado para a vida como para o processo de morrer.

Falar sobre a morte sempre deixa e deixará o ser humano apavorado, daí vemos o silêncio sobre o tema. Não falar sobre a morte é uma forma de evitá-la, de sentir medo. Da análise diante das atitudes dos enfermeiros frente à morte, existem algumas formas de aceitação: (a) aceitação neutral ou neutralidade – a morte é vista como parte integrante da vida, (b) aceitação como aproximação – a morte é vista como uma passagem associada a crenças religiosas, e, (c) aceitação como escape – onde a morte é vista como término de dor ou de sofrimento. O artigo mostra que a enfermagem apresenta atitudes de neutralidade pela compreensão da morte como um acontecimento natural da vida.

Desta forma, em face aos achados, anui-se que a maioria dos enfermeiros menciona não ter acompanhado qualquer tipo de participação em formação sobre o tema morte, perda ou luto. Os profissionais da área de enfermagem são os que

passam mais tempo e com maior proximidade diante das pessoas doentes. O processo de cuidados no momento da morte não surge com clareza descrita na área disciplinar da enfermagem. Os enfermeiros admitem as dificuldades em assegurar o acompanhamento específico aos doentes em processo de morrer, tendo também acentuado a importância de formação e capacitação específica sobre esta temática. A principal vulnerabilidade encontrada nos profissionais de enfermagem está fundamentalmente associada à formação que tiveram.

Segundo o estudo de Paula et al (2020), que tem como objetivo refletir sobre os desafios da enfermagem diante do processo de morte e morrer em face à pandemia por Coronavírus, percebeu-se que estes profissionais não vem sendo preparados apropriadamente para o enfrentamento da morte, que remete desde tortura psíquica à exaustão, e ao mesmo tempo é caracterizada como fracasso profissional. Na presença de uma ocasião iminente de morte, por não saber posicionar-se diante deste sofrimento e da dor da perda, o profissional sente-se culpado pela impotência em decorrência deste fenômeno, desencadeando muitas vivências emocionais negativas.

No enfrentamento contra o novo Coronavírus, a enfermagem no Brasil transita de categoria desvalorizada para alçar o protagonismo diante desta luta. Os trabalhadores de enfermagem defrontam com episódios de estresse e necessidade de tomada rápida de decisão. As características do trabalho colaboram para que a enfermagem permaneça um maior tempo junto ao paciente e que durante suas atividades de cuidado acompanham o processo de morte e morrer. Observou-se que existem poucos artigos que tratam o enfrentamento da enfermagem diante do processo de morte e morrer.

Mediante ao exposto, vimos que a educação continuada e permanente podem ser importantes instrumentos de auxílio na transformação dos cenários de formação. Os profissionais de saúde devem ser preparados de modo a se sobressair em todos os aspectos para a promoção e preservação da vida, ainda que a morte esteja incluída no ciclo natural da vida.

Para Vasques et al (2019), a complexidade de uma inter-relação entre o cuidado prestado pela equipe de enfermagem tem como principais obstáculos a sobrecarga de trabalho, o despreparo profissional, a falta de sensibilização e de

apoio institucional. Para os profissionais, o número de trabalhadores não é suficiente para a alta demanda de cuidados e processos de trabalho, bem como a falta de continuidade de cuidados ao indivíduo enfermo durante o plantão, tornando a rotina mecanizada. Não é realizada a devida assistência, inclusive, no processo morte e morrer, e que, devido a agitação diária, acreditou-se não haver uma melhor prestação na atenção ao paciente e seu familiar cuidador, trazendo sentimento de incapacidade, dúvida e impotência. Para amenizar e aceitar a situação, a equipe de enfermagem encara, inclusive, o preparo do corpo como punição devido ao sentimento de impotência, ou até mesmo como um momento de dignidade para o paciente, mesmo que este não perceba mais todo o processo de cuidado.

Apurou-se no conteúdo de Cardoso et al (2019) que não existe possibilidade de pensar no cuidado apenas com ações técnicas e nem tampouco podemos defini-las como uma simples e única estrutura entre si. É relevante a mudança das práticas da enfermagem no contexto hospitalar, que está focada em uma atenção mecanizada na manutenção da vida, e centrar-se em um cuidado focado nas experiências vivenciadas pelas pessoas diante da iminência e inevitabilidade da finitude da vida, com potencial para culminar numa morte digna e tranquila. É necessário desenvolver métodos que ampliem uma abordagem profissional mais qualificada à pessoa doente e aos seus familiares durante a vivência da morte e do processo de morrer.

Conforme mostraram os resultados de Sartori e Battistel (2017), a morte tende a ser negada socialmente, embora seja um fenômeno natural e inevitável da existência humana que busca suporte na religião e espiritualidade para encará-la. Negamos a morte tentando colocar nas mãos dos médicos e outros profissionais da saúde o controle sobre ela. Na procura de um consolo, busca-se respostas na religião e na espiritualidade sobre a dúvida do que acontece após a morte. O ser humano não está preparado para admitir que o destino seja morrer, preferindo aceitar a morte como o começo de uma nova vida infinita.

Quando falamos da formação profissional e da terminalidade da vida, temos um confronto que desafia a autoridade humana e ocupacional, provocado pela incessante luta pelo prolongamento vital. No que diz respeito à concepção de

morte, encontramos duas principais formas de explicá-las: como processo de natureza biológica (encerramento do ciclo da vida), e como processo de natureza espiritual (baseado na religião e na espiritualidade), pois, aceitá-la é muito difícil e muitas das vezes inconcebível, como por exemplo, a morte na infância que foge da expectativa do ciclo vital, gerando muitos questionamentos como: *"...mas porque se foi tão jovem?"*.

O mesmo estudo mostra que a formação acadêmica prioriza o cuidado e atenção à saúde e a manutenção da vida, abordando a morte de forma superficial, mostrando a relevância em dar estrutura na formação dos profissionais de saúde. Os cursos da área da saúde estão voltados unicamente para o ensino do cuidado e atenção à vida, não preparando o profissional para enfrentamento da morte. É necessário propor à comunidade acadêmica a necessidade de preparar e contribuir para a formação de um profissional bem habilitado e preparado física e psicologicamente para conviver com a morte e ser capaz de compreender o processo de morte e morrer e seu significado para o paciente e sua família, tornando-se competente para ajudá-los a vivenciar uma morte digna.

Ramos (2016) aborda o processo de luto e seus fatores envolventes, em que inclui a distinção entre o luto normal e o luto patológico. O processo de luto é tido de maneira particular, de sujeito para sujeito, podendo ser parcialmente disfuncional, variando de acordo com a intensidade, os sentimentos, o vínculo e o contexto em que aconteceu.

A forma como o sujeito reage à perda deve-se levar em consideração a fatores cultural e social onde o sujeito está inserido. A duração do processo de luto pode levar um tempo longo ou breve, que manifesta sentimentos e atitudes emocionais intensas, porém, é necessária uma aceitação mais saudável.

Em vista dos argumentos apresentados por Lima e Nietzsche (2016) que tem como objetivo compreender a estratégia utilizada por docentes enfermeiros para o ensino acerca da morte em atividades teórico-práticas do curso de enfermagem, enxergou-se diversas deficiências quando é levantado a temática sobre a finitude humana no ensino da morte no curso de enfermagem. Apesar de ser um assunto presente e constante no ambiente profissional da enfermagem, a finitude humana

causa estranheza na terminalidade do ciclo biológico, por se tratar de uma interrupção vital. Sob tal perspectiva, o docente tem um papel fundamental na harmonização do discente com panorama do cuidar diante do processo de morrer e morte.

Surge ainda a necessidade da criação de espaços para discutir e refletir sobre o tema morte no desenvolvimento dos acadêmicos de enfermagem, como mostra Bandeira (2014) em seu artigo que tem como objetivo conhecer como os docentes abordam a morte e o morrer, retratando como está deficiente o preparo na graduação. Existe certa dificuldade em desenvolver o tema, fazendo importante a constituição de espaços para debater e retratar o processo de morrer e morte, e assim, alçar aos estudantes de enfermagem uma compreensão mais clara a respeito da finitude humana. Daí a importância da inclusão do tema nos currículos dos cursos de formação profissional, bem como inserir a temática aos profissionais que já trabalham, por meio da educação continuada.

Com relação ao trabalho de Mattos (2009), evidenciou-se que a equipe de enfermagem está, de forma cotidiana, sujeito a passar por ocorrências de morte. Encarar o fim do ciclo vital de um paciente é uma missão árdua para a equipe de enfermagem, pois, os profissionais necessitam atribuir métodos que promovam uma reflexão sobre a existência humana. A morte coloca as pessoas defronte com a fragilidade dos seres humanos. É necessário um maior investimento sobre o tema para reflexão e importância das atividades da equipe de enfermagem, preservando assim a saúde psíquica dos profissionais envolvidos e, conscientizar do seu papel na prestação da assistência ao paciente.

De acordo com a análise de dados da pesquisa, foi possível identificar no estudo de Oliveira e Amorim (2008) que a morte é um dos grandes mistérios da vida e ainda causa muita estranheza diante da finitude humana pelos profissionais e estudantes de enfermagem. É importante entendermos que somos finitos, imprevisíveis, vulneráveis e mortais, para enfim apreciar a vida intensamente. Encarar a morte no cotidiano trás dificuldades em nos enxergar como seres que tem fim. É evidente que a morte de um paciente coloca o profissional diante da finitude humana, um acontecimento medonho que traz sofrimento. O medo da

morte deixa a trilogia paciente-família-profissionais em situação de ameaça e impotência diante do morrer.

Percebeu-se a dificuldade dos profissionais de enfermagem em lidar com a morte através de suas reações emocionais desde a sua formação. A literatura revela a sensação e impressão de fraqueza e impotência diante do processo morte-morrer, visto que os profissionais de saúde foram preparados para manter e recuperar a vida. Em contra partida é preciso repensar a formação do estudante de enfermagem, bem como, a reciclagem sobre o tema para os profissionais que já atuam nas unidades de saúde.

Para Marinho (2007), o profissional de enfermagem é instruído e impulsionado tão somente a recuperar e salvar vidas e que, muitas das vezes os cuidados com procedimentos técnicos afetam e prejudica a atenção ao ser humano, que se encontra na condição de paciente. O estudo destaca a transição da morte vista como um evento público virar tabu, onde a morte de alguém na família deixa de ser um evento social, um acontecimento onde todos iam ver o moribundo em seus últimos momentos, para tornar-se um evento fora do lar, institucionalizado (nos hospitais), convertendo-se em um evento vergonhoso. Com o desenvolvimento da medicina, este evento passa a ser supervisionado pelos profissionais de saúde, quem tem a morte de um paciente vista como um fracasso profissional.

Na contramão, outra questão extremamente importante que é vista de forma positiva e o vínculo entre profissional e paciente, estendendo-se a todas as áreas, independente do cuidado ser de crianças, adultos ou idosos. Certamente que o profissional de enfermagem irá sofrer diante do rompimento do vínculo criado, entrando assim no processo de luto, sendo necessário reconhecer que este processo é normal e necessário, pois ele surge em resposta da perda.

O profissional de enfermagem necessita semear a percepção da individualidade dos pacientes, respeitar a sua dor, suas crenças, buscar compreender o momento em que se encontram e os sinais verbais e não-verbais para auxiliá-los e a seus familiares. A equipe de enfermagem deve entender que cuidamos do paciente para curá-lo, porém, é necessário acompanhá-lo em sua trajetória, independentemente de qual seja o seu fim.

Após a pesquisa, percebeu-se no artigo de Brêtas et al (2006) que a morte, mesmo considerada um evento biológico que encerra uma vida, desperta medo no ser humano que teme a destruição do “eu” e do próprio corpo. A essência da angústia humana é sua extinção, pois, é o único ser vivo que é consciente de sua finitude. Na tentativa de aceitar e explicar a morte, a crença tende a ser uma espécie de ansiolítico diante do processo de morte e morrer, tornando-a um fato. Ainda como fator de impotência, muitos profissionais despertam sentimentos de fracasso profissional depois de aplicar horas de trabalho com muita dedicação e não conseguir manter o paciente vivo.

Em contra partida, se faz necessário uma reflexão sobre o tema da morte e do morrer, tanto no contexto universitário, quanto de educação continuada e permanente, tornando os profissionais de enfermagem não só capacitados para assistência a vida, mas também para o processo de morte e morrer.

Espera-se, na busca de conhecimentos sobre o tema, aos profissionais de enfermagem, produzir fatores que possam desenvolver uma harmonia entre vida e morte, entre saúde e doença, entre cura e óbito, onde o cuidado de qualidade deve ser prestado ao ser humano em todos os seus aspectos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é uma certeza e sabe-se que todos irão passar por este momento, pois, o ser humano é um indivíduo que tem consciência de que vai morrer e sempre tentará ocultar de si mesmo esta grande convicção sobre a finitude da vida.

Percebeu-se através da leitura dos artigos selecionados que a morte provoca no ser humano a impressão de impotência, aliados aos sentimentos de raiva, tristeza e negação, e que necessitam serem discutidos de forma a propor um enfrentamento melhor adequado tanto nas questões de cunho pessoal, como profissional na situação de morte.

A enfermagem está e sempre estará presente no início e fim da vida humana, porém, são treinados a buscar sempre a cura e a qualidade de vida dos pacientes. Esta é a finalidade maior da profissão.

Diante do processo de morte e morrer de um paciente, observa-se o despreparo dos profissionais em negar a morte de forma inconsciente ou por não ter tido contato com o tema durante a sua formação.

Corroborar-se a relevância do enfermeiro em instruir-se e compreender sobre a morte, uma vez que isso poderá lhe auxiliar a tratar e lidar com sua presença, com vistas a um preparo e qualificação, tanto pessoal e profissional, de maneira a reduzir o estresse e a ansiedade ao habituar-se diariamente com essas situações de sofrimento, possibilitando ao profissional a concepção e o esclarecimento de suas preocupações frente ao desconhecido.

7. REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. (1977). **A história da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. [Ed. Especial], Rio de Janeiro: Priscila Viana de Siqueira, Nova Fronteira, p. 31-49, 2012.

BANDEIRA, Danieli et al A morte e o morrer no processo de formação de enfermeiros sob a ótica de docentes de enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 400-407, Jun, 2014.

BOTELHO, R. B. et al. Thorium in solar twins: implications for habitability in rocky planets. Monthly Notices of the Royal Astronomical Society, **Monthly Notices of the Royal Astronomical Society**, v. 482, n. 2, p. 1690-1700, Jan, 2019.

BRETAS, José Roberto da Silva; OLIVEIRA, José Rodrigo de; YAMAGUTI, Lie. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 477-483, Dez, 2006.

CARDOSO, Maria Filomena Passos Teixeira et al Atitudes dos enfermeiros frente à morte no contexto hospitalar: diferenciação por unidades de cuidados. Esc. **Anna Nery Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, 2021.

CARDOSO, Maria Filomena Passos Teixeira et al O processo de morrer: que expressão tem nos registros de enfermagem. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, v. 4, n. 21, p. 121-130, Jun, 2019.

COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim; VIANA, Terezinha de Camargo. A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 591-599, 2011.

DE LIMA, Márcia Gabriela Rodrigues; NIETSCHE, Elisabeta Albertina. Ensino da morte por docentes enfermeiros: desafio no processo de formação acadêmica. **Rev Rene**. v. 17, n. 4, Ago, 2016.

FELDMAN, Robert S. **Introdução a Psicologia**. 10. ed. São Paulo: Artmed. p.370, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOBIONDO-WOOD, Geri; HABER, Judith. **Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação, críticas e utilização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

LUNA, Naara Lúcia de Albuquerque. Pessoa e parentesco nas novas tecnologias reprodutivas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 389-413, 2001.

KOVÁCS, Maria. Julia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.15, 1992.

KOVACS, Maria Julia. Educação para a morte. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v.25, n.3, p. 484-497, Set, 2005.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 7. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 17, 1996.

MARINHO, João. A última fronteira: como os profissionais de enfermagem lidam com a morte de seus pacientes. **Revista Coren-SP**, n. 59, p. 09-13, São Paulo, Set-Out, 2007.

MATTOS, Tatiane de Aquino Demarco et al Profissionais de enfermagem e o processo de morrer e morte em uma unidade de terapia intensiva. **remE - Rev. Min. Enferm.**; v. 13, n. 3, p. 327-336, Jul-Set, 2009.

MELLO, Aline Andressa Martinez; SILVA, Lucia Cecilia da. A estranheza do médico frente à morte: lidando com a angústia da condição humana. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v.18, n.1, p. 52-60, Jun, 2012.

OLIVEIRA, Wilker Invenção Azevedo de; AMORIM, Rita Da Cruz. A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 191-198, Jun, 2008.

OIGMAN, Gabriela. Tabu da morte. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2248-2249, Set, 2007.

PAULA, Glaudston Silva de et al A enfermagem frente ao processo de morte e morrer: uma reflexão em tempos de Coronavírus. **Journal of Nursing and Health**, v. 10, n. 4, 2020.

PEREIRA, José Carlos. A morte como tabu. **Rev. Nures**, São Paulo. Ano VIII, n. 21, Set-Dez, 2012.

POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl Tatano; HUNGLER, Bernadette P.; THORELL, Ana. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5. ed. São Paulo: Artmed, 2004.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O processo de luto. **Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos**. Publicado em 25 set 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf> Acesso em: 16 Mar, 2021.

SARTORI, Aline Viegas; BATTISTEL, Amara Lúcia Holanda Tavares. A abordagem da morte na formação de profissionais e acadêmicos da enfermagem, medicina e terapia ocupacional. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 25, n. 3, p. 497-508, 2017.

TADA, Iracema Neno Cecilio; KOVACS, Maria Júlia. Conversando sobre a morte e o morrer na área da deficiência. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 120-131, Mar, 2007.

TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz et al Envelhecimento e rejuvenescimento: um estudo de representação social. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 49-72, Abr, 2007.

VASQUES, Tania Cristina Schäfer et al Equipe de enfermagem e complexidades do cuidado no processo de Morte-Morrer. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, 2019.